



[Recensão a] Ribeiro, J. Félix (coord.) - Portugal 2010: posição no espaço europeu, uma reflexão prospectiva

Autor(es): Lopes, Luís Peres

Publicado por: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/25103>

Accessed : 21-Nov-2019 03:56:31

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



NOTAS ECONÓMICAS 7

REVISTA DA FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ALAIN LIPIETZ LE MONDE DE L'APRÈS-FORDISME

TONY CULYER O IMPACTO DA ECONOMIA DA SAÚDE NAS POLÍTICAS PÚBLICAS

PEDRO NOGUEIRA RAMOS MECANISMOS DE TRANSMISSÃO MONETÁRIA: UMA ANÁLISE COM BASE EM DADOS ESPACIAIS

HORÁCIO CRESPO FAUSTINO COMÉRCIO INTRA-SECTORIAL E VANTAGENS COMPARATIVAS ENTRE PORTUGAL E ESPANHA (1983-1992)

MARIA ISABEL R. T. SOARES IRREVERSIBILIDADE E DIFERIMENTO DE INVESTIMENTOS PRODUTIVOS

CARLOS TENREIRO SMEs IN EUROPE: THERE'S NO BUSINESS LIKE SMALL BUSINESS

JOÃO SOUSA ANDRADE CONFUSÕES À VOLTA DA UNIFICAÇÃO MONETÁRIA EUROPEIA

PAULINO TEIXEIRA EMPREGO E TRANSFORMAÇÃO DA ECONOMIA

Notas bibliográficas



Ribeiro, J. Félix (coord.) (1995)

Portugal 2010 — Posição no Espaço Europeu, Uma Reflexão Prospectiva,

Lisboa, Departamento de Prospectiva e Planeamento, Secretaria de Estado do Planeamento e Desenvolvimento Regional, 246 p.

Uma nova economia global, resultante de um processo de globalização do sistema financeiro, da indústria, das infra-estruturas de transportes e de comunicações, dos serviços de informação e de telecomunicações, dos mercados de consumo e das tecnologias de produção está indiscutivelmente em construção. É neste quadro de mudanças globais, que afectam e condicionam a economia nacional, que o Estado nacional e as organizações empresariais pretendem pensar a sua actuação e posicionamento.

Por esta razão, nos últimos anos, as empresas e as instituições públicas e privadas têm recrutado, entre competências reconhecidas e específicas, os mais reputados especialistas e técnicos portugueses, quer na administração pública, quer nos meios académicos, quer ainda em centros de investigação privados, para perspectivarem o futuro de Portugal, em diferentes áreas como a posição de Portugal no mundo e na Europa, os desafios estratégicos às empresas portuguesas, as vantagens competitivas das regiões portuguesas, as ameaças e as oportunidades sectoriais, e a reforma do Estado-Providência, entre outras.

É neste enquadramento que surge *Portugal 2010 — Posição no Espaço Europeu, Uma Reflexão Prospectiva*. O presente estudo foi elaborado por um Grupo de Trabalho, coordenado por Félix Ribeiro, do Departamento de Prospectiva e Planeamento, a que a Secretaria de Estado do Planeamento e Desenvolvimento Regional recorreu para que se fizesse um exercício de pensamento estratégico e prospectivo e de cenarização da economia Portuguesa.

Este documento começa por apresentar algumas reflexões sobre certas tendências de

base, umas já visíveis e outras previsíveis, da economia mundial e seus actores e da economia europeia. Tais reflexões são sempre importantes para o exercício prospectivo da economia Portuguesa, com que o documento termina, tendo como cenário de fundo o processo de globalização da economia e da sociedade.

Não existindo uma definição única de globalização que seja comumente aceite, são, no entanto, aqui identificados os seus processos característicos: a expansão da economia de mercado, a revolução industrial na Ásia, um sistema de produção internacional integrado, a globalização financeira, e a expansão dos serviços e da tecnologia no mercado internacional. Esta identificação é, a meu ver, tanto mais importante quando conceitos como mundialização, internacionalização, multinacionalização ou transnacionalização, tantas vezes utilizados, já não caracterizam adequadamente o actual estado da economia mundial.

Depois de fixados os contornos do processo de globalização, é feita uma reflexão sobre o contexto internacional neste final de século e início do que se aproxima, na perspectiva dos grandes actores da economia mundial; sobre as possibilidades de crescimento das várias áreas da economia mundial; sobre a situação geopolítica e a geoestratégica, nomeadamente, os potenciais de perturbação que constituem a Rússia, a China e o Golfo Pérsico. Este último ponto, por vezes, esquecido em documentos deste tipo, é aqui desenvolvido nos seus principais vectores.

São ainda estabelecidas, tendo como base o conceito de globalização, algumas configurações possíveis para o Sistema Monetário Internacional, que vão desde o fortalecimento do actual sistema até à total fragmentação e à criação de zonas monetárias, contrária ao processo de globalização. Curiosamente, desenvolve-se mais a importância do dólar e do iene, em cada uma destas configurações, do que a do marco ou da, "eventualmente", futura moeda única europeia, talvez para não voltar aqui ao



tema, tão discutido, da União Económica e Monetária.

O exercício de prospectiva da economia mundial é completado com a análise das configurações possíveis para a organização do comércio mundial. Neste aspecto, os autores do documento consideram excessiva a perspectiva de configuração de um mundo organizado em três grandes blocos comerciais, com centros nos EUA, na Europa Ocidental e no Japão e em torno das três respectivas moedas, o dólar, o ecu e o iene. Mas se há claros indícios de uma *triadização*¹, assente naqueles três centros, os argumentos invocados pelos autores não podem deixar indiferentes todos aqueles que procuram reflectir sobre estes temas. Defendem, então, os autores: que é difícil conceber um agrupamento comercial asiático e ainda centrado no Japão; que aos EUA não interessa apenas um espaço regional americano, não estando, por essa razão interessados na formação de blocos comerciais; e que a integração da China, da ex-URSS e da Índia não seria, propriamente, pacífica neste caso (Ribeiro, 1995: 73-74). Em causa está, certamente, a criação de alguns equilíbrios instáveis que estes blocos podem gerar, nomeadamente, se a dinâmica asiática não se integrar convenientemente na economia mundial.

Depois de apresentados os cenários possíveis da economia mundial, os autores viram-se para a Europa, aí identificando quatro questões-chave para o futuro: o aspecto demográfico, o *Welfare State*, as estruturas produtivas e a competitividade internacional e a geoeconomia e segurança. As referências a estas questões são claramente breves, mas dada a sua importância fulcral, os autores

¹ Que o Grupo de Lisboa define como "o facto de a integração tecnológica, económica e sociocultural, entre as três regiões mais desenvolvidas do mundo (Japão e os novos países industrializados do Sudeste Asiático, Europa Ocidental e América do Norte), ser uma tendência mais difundida, intensiva e significativa do que a tendência para a 'integração' entre essas três regiões e os países mais pobres e menos desenvolvidos, ou do que a tendência para a «integração» deste últimos entre si", in Grupo de Lisboa (1994), *Limites à Competição*, Publicações Europa-América, Lisboa, p. 114.

deveriam talvez ter ido um pouco mais longe. Por exemplo, a crise do Estado-providência, sem nunca estar referenciada, e, conseqüentemente, a crise do contrato social, é uma questão a que a Europa não poderá fugir, sobretudo, tendo em conta a dificuldade cada vez maior de financiar as transferências da Segurança Social.

É igualmente identificada, aqui de uma forma mais desenvolvida, a necessidade de reformularem-se as estruturas produtivas e os seus modos de regulação económico-social, de modo a recuperarem-se as condições de competitividade internacional, nomeadamente em alguns sectores de alta tecnologia, menos presentes na Europa do que nos EUA ou no Japão. Apontam-se também à posição europeia alguns pontos fracos em "*clusters* que vão ter um forte dinamismo na procura interna dos países desenvolvidos — saúde, informação e lazer" (Ribeiro, 1995: 96).

A afectar a competitividade estão também os alinhamentos das políticas monetárias dos países europeus pelas do *Bundesbank*, e de acompanhamento da moeda "forte" alemã. Constituindo a Alemanha o arquétipo dos "círculos virtuosos", a apreciação nominal da moeda — que conduziu a uma sobrevalorização, tendo em conta a taxa de câmbio da paridade do poder de compra —, reflectiu-se na diminuição da taxa de inflação, num aumento dos lucros reais, do investimento e da produtividade, na mundialização das suas empresas e no reforço das condições estruturais e da qualidade da especialização. Contudo, como os outros países não têm os aparelhos produtivos, condições estruturais e qualidade de especialização semelhantes às da Alemanha, as suas políticas de alinhamento em relação à política da valorização alemã estão em contradição com as suas necessidades, porque os seus produtos ficam mais caros e, por isso, menos competitivos em relação aos produtos estrangeiros. Esta é sem qualquer dúvida, uma questão determinante do futuro da economia portuguesa e do seu tecido produtivo, que me apraz ver analisada.

São depois equacionadas as opções possíveis para a Europa, tendo em conta as duas tendências básicas: globalização ou

continentalização. No primeiro caso preconizam uma aproximação dos EUA e no segundo um olhar para o interior do continente europeu e uma aproximação à Rússia.

Por último, é apresentada a cenarização da evolução estrutural da economia portuguesa, o que, de resto, constitui, sem dúvida, a mais-valia fundamental e crucial deste documento. Numa altura em que se discute se a capacidade real da economia portuguesa está ou não preparada para aderir à moeda única, uma das questões fulcrais aqui analisadas é o aumento da competitividade global da economia portuguesa. Este deve ser conseguido através de uma melhoria da sua estrutura produtiva e da qualidade da especialização internacional, de modo a garantir três grandes objectivos: produção para os mercados mais dinâmicos e com mais altas taxas de crescimento; produção nos sectores mais dinâmicos e que produzam maior valor acrescentado; e exploração de todo o potencial de crescimento.

É a escolha da estrutura produtiva e do grau de qualidade da especialização internacional que vai depois servir para definir os cenários. Esses cenários são os seguintes: *Consolidação e Tradição*, de predominância iberoeuropeia; *Diversificação e Revitalização Industrial*, de predominância euroatlântica; e *Terciarização e Internacionalização*, de predominância euroglobal.

Para qualquer um dos cenários são apresentados os pontos fortes e fracos e, simultaneamente, algumas medidas de política económica necessárias à sua concretização. Aos agentes económicos e aos decisores políticos é deixado um amplo grau de liberdade de escolha, pois nem os cenários, nem as opções, nem as conclusões apresentadas são tomadas como definitivos, antes contribuindo para aumentar a reflexão das escolhas para a economia portuguesa. Por todas estas razões, torna-se, a meu ver, imprescindível a leitura deste documento.

Luis Peres Lopes

